

FUTEBOL DE RUA: teoria e prática

2021



SUMÁRIO

- 1. APRESENTAÇÃO • 2**
- 2. INTRODUÇÃO • 3**
- 3 HISTÓRICO DO FUTEBOL DE RUA • 4**
- 4. METODOLOGIA • 6**
 - 4.1 - PROCESSOS FORMATIVOS • 9**
- 5. FUTEBOL DE RUA: CULTURA DE PAZ E EQUIDADE DE GÊNERO • 10**
 - 5.1. FUTEBOL MISTO • 12**
- 6. ENCONTROS PELA PRÁTICA • 14**
 - 6.1 MUNDIAL DE FUTEBOL DE RUA • 14**
 - 6.2 COPAS • 15**
 - 6.3 REDES • 16**
- 7. TROCA DE IDEIAS • 17**
- PARA SABER MAIS! • 22**

O conteúdo desta publicação é de responsabilidade do(s) autor(es)/organização e não reflete necessariamente a opinião de terre des hommes Alemanha ou do Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha.

Apresentação

A Ação Educativa entende a cultura como um direito e o seu exercício como uma ação de cidadania, por isso definiu as periferias urbanas como espaço prioritário de ação, entendendo que nos territórios localizados nos extremos das metrópoles, notadamente em São Paulo, o direito à cultura é particularmente violado em face da ausência ou baixa atuação do Estado com políticas públicas nesse setor.

Para além das linguagens artísticas, atuamos com diversas manifestações culturais, entre elas, o futebol. Entendido na chave da cultura, interessa-nos no futebol menos o aspecto esportivo e mais a produção simbólica que emana de sua prática — o que faz dele uma das mais encantadoras expressões da cultura periférica, estando presente em todos os territórios das bordas da metrópole.

O futebol passou a fazer parte da ação direta da organização em 2013, por ocasião do Mundial de Futebol de Rua realizado no ano seguinte paralelamente à Copa do Mundo da FIFA realizada no Brasil. Desde então, na perspectiva cultural, a prática foi se consolidando como uma atividade importante para a Ação Educativa.

Esse material sistematiza os 10 anos de prática, tornando a metodologia acessível a quem queira iniciar um projeto com Futebol de Rua em sua comunidade, além de amplificar a voz dos diversos atores envolvidos em nossa experiência.

Atualmente a Ação Educativa possui dois projetos com esse foco, sendo o primeiro ligado à Rede Paulista de Futebol de Rua, que conta com 17 polos situados na Capital, Grande São Paulo e cidades do Interior do Estado de São Paulo e a participação de mais de 800 crianças, adolescentes e jovens. O segundo é o Projeto Interpaz, e é no contexto deste projeto que esta publicação se insere.

Boa Leitura!

Introdução

O presente material foi produzido no contexto do Projeto Regional Interpaz, tendo como objetivo a promoção da Cultura de Paz com a igualdade e a equidade de gênero para crianças, adolescentes e jovens na América Latina.

Por meio de uma parceria entre a Terra dos Homens Alemanha e o Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ), o projeto foi implementado de forma concomitante em 4 países, por 4 organizações: Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente (CESESMA), em Matagalpa, Nicarágua; Museo de la Palabra y la Imagen (MUPI), em São Salvador, El Salvador; Corporación Amiga Joven, em Medellín, Colômbia; e Ação Educativa, em São Paulo, Brasil. A situação política da Nicarágua fez com que a organização precisasse deixar o projeto antes do final, permanecendo atualmente os outros três projetos.

O projeto, com foco em Cultura de Paz e Igualdade de Gênero não podia ser mais pertinente considerando o momento vivido pelos países em questão, marcados pela violência institucional. Em comum, esses países têm o histórico de governos autoritários, violação de direitos e profunda desigualdade social.

No Brasil, a Ação Educativa investe na metodologia do Futebol de Rua, que através de uma paixão nacional faz chegar às periferias discussões acerca da violência de gênero e da cultura de paz.

Os temas trazidos propostos pela Terra dos Homens são a essência do Futebol de Rua. Uma vez que tem prerrogativa o futebol misto, num país que ainda desvaloriza o futebol de mulheres e desencoraja sua prática desde a infância, reforçando campo (e as quadras e arquibancadas) como espaços unicamente masculinos.

Além disso, os conceitos que fundamentam a Cultura de Paz também sustentam a prática do Futebol de Rua através dos valores como solidariedade, cooperação e respeito, do espaço de diálogo que valoriza a escuta, e a prerrogativa da não violência.

O Futebol de Rua é uma atividade bastante prática, porém por trás dos jogos de três tempos existem teorias e fundamentos que sustentam essa atividade. Isso difere o Futebol de Rua de outras práticas esportivas e contribui com uma formação diferenciada para crianças, adolescentes e jovens.



HISTÓRICO DO FUTEBOL DE RUA

A prática do Futebol de Rua surgiu, em 1994, no bairro Chaco Chico, na cidade de Moreno, na Grande Buenos Aires (Argentina), com a proposta de recuperar um espaço de protagonismo e diálogo entre jovens em uma sociedade em que a violência atravessava todas as relações: familiares, no bairro, na escola e na comunidade.

Logo a prática conseguiu incorporar também outras questões – **a igualdade de gênero**, a igualdade de condições e valores humanos – como elementos que se integram ao sentido de vitória, e a forte figura do mediador esportivo-social como facilitador das interações.

A metodologia foi sistematizada e difundida a partir da **Fundación Fútbol para el Desarrollo – FuDe**¹, localizada na cidade de Buenos Aires e desde então tem conquistado praticantes por toda a América Latina e para além dela, especialmente por meio de projetos sociais. Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Brasil, Equador, Costa Rica, Colômbia, Peru, Panamá, Alemanha e África do Sul são alguns dos países que usam a prática atualmente como forma de promover processos de diálogo e inclusão social, fomentar a igualdade de gênero, promover a defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens, melhorar relações escolares e comunitárias, entre outros temas.



Onde tudo começou

Em parceria com a FuDe (Fundación Fútbol para El Desarrollo) – com apoio e mediação da *terre des hommes* Alemanha –, a Ação Educativa iniciou, em 2013, um processo de implementação da metodologia do **"Futebol de Rua"**² (**Fútbol Callejero**) nas periferias de São Paulo, junto a movimentos e organizações sociais que atuam diretamente na garantia dos direitos humanos. Em 2014, a organização realizou o **Mundial de Futebol de Rua**, nos anos seguintes as delegações brasileiras participaram da **Copa América de Futebol de Rua** e da **Copa Cachu Rodriguez**.

Para saber mais: Futebol Misto.

Para saber mais: Encontros na Prática.

¹ <http://www.fundacionfude.org.ar/>.

² "A terminologia espanhola "Fútbol Callejero" está atrelada a símbolos, no qual "Fútbol" (em português futebol) é utilizado para atrair a atenção ao esporte mais popularizado do mundo e "Callejero" (em português de rua ou ruieiro) porque propõe voltarmos às raízes do futebol. Portanto, na rua, no qual os participantes criavam as suas regras de maneira autônoma envolvendo respeito mútuo ao longo dos jogos [...]" (VAROTTO; GONÇALVES JUNIOR; LEMOS, 2017, p. 93).

Na intenção de dar capilaridade e apoiar o protagonismo dos/as jovens mediadores/as, a **Ação Educativa** fomentou a criação de uma rede para conduzir a prática do Futebol nos territórios, em parceria com organizações locais. Nasce então, em 2015, a **Rede Paulista de Futebol de Rua**, que atua na perspectiva dos direitos humanos e cultura de paz, com crianças, adolescentes e jovens.

Quer fazer parte dessa Rede?

Para ampliar o debate sobre futebol e direitos humanos, a organização também concebeu o **Encontro Futebol e Cultura**, iniciativa que busca promover a prática solidária e colaborativa do esporte no Brasil. Desse marco surge a **Rede Brasileira de Futebol e Cultura**, articulação nacional que pensa sobre a temática.

Para saber mais: Encontros na Prática.



A metodologia do **Fútbol Callejero** ou **Futebol de Rua**, acabou por transformar diversas regras do tradicional esporte para potencializar seu poder mobilizador. As regras variam de acordo com as realidades das comunidades que o praticam, mas há alguns princípios básicos a serem seguidos.

Para conhecer, convidamos você leitor/a a seguir conosco pelas próximas páginas conhecer a metodologia do Futebol de Rua.

METODOLOGIA

Como funciona?

3 tempos

1º tempo



2º tempo



3º tempo



Sem juiz!



Times mistos

Respeito
Cooperação
Solidariedade

O Futebol de Rua é jogado em 3 tempos:

1º TEMPO: hora de combinar as regras - de acordo com a realidade do grupo e do local onde acontece o jogo, tendo sempre como pano de fundo os três pilares: cooperação, respeito e solidariedade.

2º TEMPO: a bola rola - Meninos e meninas jogam juntos! O árbitro sai de cena e entra um/a mediador/a.

3º TEMPO: hora de conversar - Os jogadores analisam, estimuladas pelo/a mediador/a, as ocorrências do jogo, destacando as situações de conflito e os combinados estabelecidos no primeiro tempo. Em seguida, cada um dos três pilares: respeito, cooperação e solidariedade, é analisado para definir quem pontua em cada um. Além disso, soma-se também 1 ponto ao time que fez mais gols.

Onde os jogos acontecem?

O **Futebol de Rua** acontece em comunidades periféricas e é organizado em polos. Esses polos são fomentados por organizações comunitárias locais em parceria com a Ação Educativa. As organizações oferecem estrutura para os encontros e a Ação Educativa os processos formativos.

Ficou curioso/a? E com vontade de expandir seu conhecimento na prática do Futebol de Rua? **Então vem com a gente para desvendar esse quebra-cabeça.**

Como acontece na prática?

Ao chegarmos à quadra sentamos em roda e demos início ao primeiro tempo com a construção das regras e Yuri exclamou: *“Vamos usar as regras da aula passada”*. E eu disse: *“A ideia é que se façam novas regras, pois assim o jogo ficará diferente, até porque vocês estão diferentes em relação à semana passada, pois em todo esse tempo foi-lhes possível inúmeras vivências e experiências e com isso tem muito a contribuir com novas regras”*.

E então Yuri³ sugeriu uma regra: *“Chute no travessão valem três pontos”* e as outras pessoas lembraram que tinham que se pronunciar sobre a regra e todos e todas aceitaram essa regra. Cristiano Ronaldo pediu a palavra e disse: *“Tem lateral e escanteio”* e todos e todas concordaram. *“Se o goleiro/a agarrar no alto pode ser dois pontos para a equipe”* e todos e todas aceitaram.

Perguntei aos/às que ali estavam sobre a pontuação de respeito, cooperação e solidariedade, qual a pontuação atribuída a cada valor e eles/as decidiram que seriam três pontos.

Iniciamos o segundo tempo e logo que a bola rolou os meninos de ambos os times pegaram a bola e só trocavam passes entre eles, as meninas ficaram invisíveis em quadra e percebendo isso comecei a

refletir sobre a pontuação que até então era feita com base na vitória em gols e depois as demais regras e com recorrência a equipe que ganhava em gols, também ganhava a partida em pontos, pensando em romper com isso, tive a ideia de atribuir um ponto e meio para a equipe que fizesse mais gols e um ponto para a equipe que fizesse menos gol e no terceiro tempo eu compartilharia com os(as) participantes para que eles e elas também pudessem opinar sobre isso.

Chamei todos e todas para o círculo central para dar início ao terceiro tempo, perguntei se estavam bem e Jéssica pediu a palavra e disse: *“Estaria melhor se eu tivesse jogado, os meninos não passam a bola, eu quero participar, porém assim é difícil eu não tenho oportunidade”*. Perguntei se algum menino queria se posicionar e nenhum deles quis se pronunciar. Segui com a mediação e perguntei se as equipes mereciam o ponto de respeito e Yuri disse: *“A outra equipe merece porque percebi que as pessoas tentaram de toda maneira jogar da maneira igual, mas a minha não porque só visou o gol”*, questionei os/as outros/as se concordavam com a fala de Yuri e todos/as concordaram. Então três pontos de respeito para a equipe laranja.

Agora sobre a solidariedade. Jéssica disse: *“Eu acho que nenhuma equipe merece o ponto porque uma hora o Cristiano Ronaldo caiu e*

ninguém parou para ajudar, em outro momento o Roben parou para amarrar o tênis e ninguém esperou, por isso digo que nenhuma equipe pontua". Mais uma vez questionei os/as envolvidos/as no jogo e concordaram com Jéssica, por tanto, não houve pontuação em solidariedade para as equipes.

Comecei a questionar sobre a cooperação e Rafael disse: *"Como a Jéssica disse no começo que as meninas não participaram, então quer dizer que não cooperamos, por tanto ninguém pontua"*, as pessoas concordaram com ele. Antes de anunciar o placar eu falei sobre o que havia pensando, sobre ponto por vitória em gols ser um e meio e eles e elas concordaram.

Então o placar final foi: 4,5 para a equipe azul, sendo 1,5 pela vitória em gols e 3 por acertar um chute no travessão. E 8 para a equipe laranja, sendo 1 pela participação, 3 por respeito e 4 por ter feito duas defesas.



A partir deste diário de campo é possível a compreensão, mesmo que sucinta, de como acontece um jogo de Fútbol Callejero.

PROCESSOS FORMATIVOS

Além das atividades práticas, o percurso do **Futebol de Rua** na Ação Educativa é marcado por importantes processos formativos. Acreditamos que esses processos são essenciais para fortalecer a atuação dos mediadores e mediadoras, e assim sua condução nas atividades nos polos.

Entendemos que o/a jovem que atua como mediador/a ganha aos poucos o papel de liderança e passa a ser uma referência para crianças, adolescentes e jovens da sua comunidade, por isso é de grande importância apoiar esses/as mediadores/as para que possam se desenvolver.

O próprio exercício da mediação exige que o/a jovem possua bagagem para atuar na condução dos conflitos sem correr o risco de reproduzir discursos violentos ou que reforcem estereótipos. Raça, gênero, sexualidade, direitos humanos e cultura de paz foram temas abordados nas formações. As formações acontecem mensalmente e os temas são escolhidos com base nas demandas apresentadas aos jovens no dia a dia da sua atuação como mediador, além de temas caros aos projetos em que estão inseridos.

Além disso, também promovemos formações focadas em elaboração de projetos e editais com o intuito de preparar os/as jovens para buscar oportunidades para as ações locais, uma vez que prezamos pela sustentabilidade do projeto.

Nesse processo destacamos a metodologia utilizada que fez com que os jovens não fossem apenas espectadores nas formações, mas que pudessem se aprofundar nos temas propostos e apresentá-los de maneira inovadora e dialogada com todos/as a partir de suas próprias experiências.

Acreditamos que momentos como esse são fundamentais para que se avance em questões teóricas de muita relevância para o projeto, além de ser um momento de compartilhar aprendizados e responsabilidades.



FUTEBOL DE RUA: CULTURA DE PAZ E EQUIDADE DE GÊNERO

São variadas as formas para construir cultura de paz, em um processo que envolve aprender com as diferenças, expandir conhecimentos, trocar experiências e estabelecer compromissos (INTERPAZ, 2021, p.9).⁴

A **Cultura de Paz** não se restringe a um conceito, trata-se de um movimento, iniciado na celebração do 50º ano da Declaração dos Direitos Humanos em 1999, quando um grupo de laureados do Prêmio Nobel da Paz redigiu o Manifesto 2000, com o intuito de criar um senso de responsabilidade global que incentiva o diálogo, valores e princípios humanos, o fortalecimento e capacitação de agentes para a paz

A partir do lançamento do **Manifesto 2000**, que convida os atores e atrizes da sociedade civil, bem como as diferentes instituições a somarem forças para combaterem os diversos tipos de violência e construir um ambiente propício ao bem comum, desde atitudes, valores e comportamentos.

Respeitar a vida: respeitar a vida e a dignidade de cada ser humano sem discriminação nem preconceito;

Rejeitar a violência: praticar a não violência ativa, rejeitando a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os mais desprovidos e os mais vulneráveis, como crianças e adolescentes;

Ser generoso: compartilhar meu tempo e meus recursos materiais no cultivo da generosidade e pôr um fim à exclusão, à injustiça e à opressão política e econômica;

Ouvir para compreender: defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural privilegiando sempre o diálogo sem ceder ao fanatismo, à difamação e à rejeição;

O que é a Cultura de Paz?

Preservar o planeta: Promover o consumo responsável e um modo de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio dos recursos naturais do planeta;

Redescobrir a solidariedade: contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a plena participação das mulheres e o respeito aos princípios democráticos, de modo a criarmos juntos novas formas de solidariedade.⁵

Aliado aos seis princípios, há a recomendação de oito áreas de atuação a serem implementadas por meio de políticas públicas, tendo em vista a participação de agências internacionais e organizações não governamentais, são elas: cultura de paz através da educação; economia sustentável e desenvolvimento social; compromisso com todos os direitos humanos; equidade entre os gêneros; participação democrática; compreensão – tolerância – solidariedade; comunicação participativa e livre fluxo de informações e conhecimento e paz e segurança internacional (DISKIN, 2009).

Passamos agora a aproximar o **Futebol de Rua** desde as premissas da cultura de paz, estabelecendo uma visão ampla sobre sua prática, principalmente, no que diz respeito à administração de possíveis conflitos e dos valores como respeito, solidariedade e cooperação.

A experiência da Ação Educativa, desde 2013 com o Futebol de Rua, propõe que, através deste jogo, crianças, jovens e adultos reflitam a prática como um processo educativo cultural, para além do jogo em si. O Futebol de Rua é uma metodologia que promove valores como o respeito, a cooperação e a solidariedade, a partir de situações que ocorrem no jogo, mas acima de tudo



⁴ Trecho retirado da cartilha intitulada " Cultura de Paz com equidade de gênero na América Latina".

Disponível para acesso pelo link:https://interpaz.tdh-latinoamerica.de/wp-content/uploads/2021/09/Guia_Cultura_Equidade_PORT_web.pdf

é um espaço seguro onde os/as jovens podem ser quem são, como é possível perceber na fala da mediadora Paloma:

“ Eu tinha a cabeça perturbada por causa da escola, sofria bullying; eu sempre fui a zuada da turma. Eu não gosto de Futebol e isso não escondo de ninguém”. Mesmo não gostando do esporte o espaço do Futebol de Rua propiciou a essa jovem espaço para que se tornasse mediadora. Nos 3 tempos do jogo ela é ouvida e respeitada.

O que está presente na fala da Jovem, **“Eu não gosto de Futebol e isso não escondo de ninguém”**, São relatos que nos permitem olhar de outra maneira para a metodologia do Futebol de Rua, pois a vivência possibilita diferentes experiências para quem gosta de jogar futebol e quem não gosta, são perspectivas distintas a partir de um mesmo fenômeno, que aliado à cultura de paz pode ser um potencial nas periferias urbanas;

A promoção da cultura de paz nos diversos ambientes e setores da sociedade depende, em grande parte, do enfrentamento dos conflitos e das situações de violência de forma responsável, engajada e itinerante enquanto pessoa e depois como sociedade. Em uma partida futebol muitas vezes presenciamos situações de conflito, por isso aproveitamos a potência que é a mediação no Futebol de Rua para promover a cultura de paz. Vinícius Fragoso, mediador, nos ajuda a elucidar de que modo a cultura de paz está presente na prática do Futebol de Rua quando reflete seu processo de mudança enquanto pessoa, a partir das vivências da metodologia, ele diz:



“No meu processo mesmo mudou muito porque quando eu comecei só xingava tal, só queria jogar, jogar, jogar, jogar e não queria saber de mais nada não, eu mudei muito,

sic.. eu comecei jogando com o tempo fui praticando tal, o Vandrigo foi dando espaço para fazer algumas mediações ali no meio dos meninos e assim você vai conquistando um pouco mais do respeito [...] os meninos conseguem te ver como uma liderança ali né!”.

A igualdade de gênero, o respeito à diversidade, as visões diferentes pela experiência prática em determinada região das cidades, a busca pelo jogo limpo, o linguajar sem xingamentos ou ofensas são premissas presentes na prática do Futebol de Rua para a promoção dos direitos humanos e a ocupação dos espaços públicos, as práticas solidárias e colaborativas no esporte.

Na roda de diálogo do Terceiro Tempo o/a mediador/a problematiza situações observadas durante a partida, visando estimular os participantes a se colocarem e defenderem seus pontos de vista acerca dessas vivências buscando o consenso possível. Exercitar a escuta é essencial.

É um espaço que se difere dos demais contextos da vida dos/as participantes, favorecendo o potencial de cada uma e cada um como agentes e protagonistas na produção de um tipo de conhecimento coletivo, transparente, num ambiente que promova a confiança, em contexto mais justo, mais solidário para as relações desportivas, mas sobretudo na vida cotidiana, onde outras premissas, ideias e culturas possam ser incluídas para a construção de novas realidades e outros mundos possíveis, com maior valorização e legitimidade das crianças, jovens e adultos, em comunidade.

Por fim, a aliança entre a cultura de paz e o Futebol de Rua potencializa, principalmente relações dialógicas, pois quem faz o jogo acontecer são as pessoas, imbuídas não apenas pelo rolar da bola, mas sim por mobilizações e resistências contra qualquer tipo de silenciamento, sendo o diálogo, o alicerce para a construção de uma cultura de paz. Como relata Carolina Moraes: **“ Eu aprendi muito com a mediação, de ouvir mais, respeitar o espaço do outro, de entender que todos e todas têm o que contribuir, a mediação de Futebol de Rua tem essa diferença [...]”.**

FUTEBOL MISTO

Eu penso que se essa metodologia não fosse jogada com meninos e meninas juntas, seria excludente. Do jeito que é, é revolucionária. O Futebol de Rua é uma prática que tem uma potência enorme para o diálogo, são nesses momentos que você tem a participação de mulheres, pessoas LGBTQ e idades diversas e quem mais quiser participar, porque de fato é um futebol diverso e isso é revelar o poder do diálogo e quando você faz isso você entende as demandas dos outros e assim aprende a lidar com elas. E por isso, quando você coloca meninos e meninas para jogarem juntas, eles e elas vão discutir sobre relação de coletividade. (MORAES, 2021, p. 134).

O relato do trecho da entrevista acima exposta nos ajuda a apresentar as potencialidades e adversidades do futebol misto contido na prática do Futebol de Rua, porém será necessário dar um passo atrás para apresentar brevemente um pouco da história do futebol em um país denominado “**país do futebol**”. A frase “**Somos o País do Futebol**”, seja sentença, conquista ou destino, é reivindicada como privilégio em nosso país (MORAES, 2018).

Se é que podemos partir desse lugar para pensarmos a prática de uma modalidade que por muitos anos apresentou-se (e ainda se apresenta) como protagonista mundial tanto em número de títulos, quanto de exportação de jogadores para clubes internacionais, o que podemos certamente comprovar é que somos o País do futebol masculino (GOELLNER, 2014; REIS, SOUZA JÚNIOR, 2012).

O futebol é, sem dúvida, um potente e singular espaço que agrega diversas: classes sociais, gerações, raça/etnia, gêneros e religiões. No entanto, há que se destacar, essa apropriação não é homogênea e muito menos democrática. (GOELLNER, 2016).



O universo do futebol no Brasil marca de forma explícita uma diferenciação entre o futebol praticado por homens e o futebol praticado por mulheres. Nesse cenário, é importante mencionar que essa desigualdade passa pela construção das experiências vivenciada por cada indivíduo, essas experiências e diferenças, são por vezes, parte da construção do imaginário de cada pessoa que escolhe ter o futebol em sua vida cotidiana. Seja como jogadora/a, torcedora/a, jornalista esportivo, juíza/a, professora/a entre outros.

E o que isso pode acrescentar em nossa reflexão? Muita coisa. Vejamos, agora gostaríamos que você, leitor/a, que chegou até aqui fizesse uma reflexão: se você é um menino que gosta de futebol, gostaria que você lembrasse neste momento de sua infância. Quais as oportunidades que você teve para se aproximar do futebol, as quadras, as ruas, os campos e praças em que você praticou futebol com seus amigos? Pois bem, certamente você pode ter tido experiências difíceis, contudo o que gostaríamos de (re)viver aqui são as oportunidades de experimentar o futebol de diferentes formas e lugares. Isso certamente conectou sua experiência com o futebol de outra forma, estabelecendo assim, um espaço de expressão de liberdade e investigação.

Mesmo que sua experiência com o futebol não tenha sido “prática”, assistir a uma partida com amigos e familiares, comentar, brincar, ou seja, o futebol – por sua escolha – pode fazer parte de suas atividades de lazer.

Seguimos, agora, recorrendo novamente a suas lembranças afetivas da infância para saber: Quantas meninas participaram com você nesse processo? Quantas meninas tiveram essa experiência de construir laços e saberes a partir da experiência com o universo do futebol?

O autor Knijnik (2010), realizou uma pesquisa importante e que pode colaborar para a reflexão entre gênero e esporte. Vejamos: Em 1970, no campo da Sociologia do Esporte, os estudos indicaram uma conexão entre esporte e masculinidade. Pensar em cenários esportivos são: “lugares socialmente aceitos para o ensino, a expressão e a perpetuação de uma “maneira de ser”, das identidades do comportamento e dos ideais masculinos. (DUNNIG; MAGUIRE, 2010). Ou seja, a prática do futebol pode em algum momento afirmar ou questionar as práticas masculinas.

Esse ponto de reflexão se faz necessário, pois a presença de meninas e mulheres no futebol, pode ser encarada como uma ameaça a certo tipo de hegemonia, ou seja, podemos entender que existe uma reserva masculina, queremos dizer, o futebol é um espaço de disputa onde a entrada e a presença das meninas e mulheres podem gerar o medo em um espaço até então frequentados e vivenciados apenas por meninos e homens. (MORAES, 2018).

Perceber e refletir sobre esse ponto é fundamental para avançarmos na prática do Futebol de Rua, pois essa metodologia anula por hora tais problemáticas apresentadas até aqui, já que, em sua raiz é jogada por meninas e meninos juntos.

É diante desse cenário que acreditamos na potência do Futebol de Rua enquanto prática educativa como forma de expandir o debate a respeito do futebol entre crianças, adolescentes e jovens. Cabe lembrar, que o futebol feminino brasileiro, foi proibido no Brasil por 38 anos, de 1941 a 1979, por lei decretada no governo de Getúlio Vargas. A sua proibição ocorre como forma de “proteger” e identificar que os esportes não são apropriados às “condições da sua natureza”.

Certamente, até hoje, vivenciamos o impacto dessa proibição no andamento e na evolução da prática no país. Para Aline Pellegrino, ex-jogadora da seleção brasileira e atual coordenadora de competições de mulheres da CBF (Confederação Brasileira de Futebol): “Sem a proibição, o Brasil já teria uma Copa do Mundo ou um ouro olímpico no futebol feminino”.

Entendemos que o nosso papel enquanto integrantes de uma Rede que desenvolve e amplia a prática do futebol por meio da metodologia do Futebol de Rua, é certamente acreditar que projetos, organizações da sociedade civil e movimentos podem fazer parte dessa luta a partir de uma metodologia inclusiva e democrática. Ou seja, não formamos jogadoras de futebol (e nem jogadores), partimos do pressuposto da formação de indivíduos em todos os aspectos que compõe a juventude e/ou a vida adulta, e assim, de forma propositiva manifestamos uma das palavras-chave dessa experiência: oportunidade: meninas e mulheres possam escolher – parece simples, porém, central. Escolher assistir, jogar, torcer e gostar.

Dessa forma, o Futebol de Rua amplia a aproximação de meninas com o esporte oportunizando a vivência, uma vez que diversos espaços ainda enfrentam resistência para a presença de meninas e mulheres. Vivenciar, experimentar e conhecer as diferenças nos dá oportunidade de atuar de forma diferente em um cenário promissor.

O futebol mobiliza multidões. Existem muitos símbolos em torno desse esporte, cujos códigos revelam-se no arco-íris das bandeiras, nos punhos erguidos contra o racismo, na resistência indígena, na participação de mulheres e na ampliação da produção de conhecimento sobre o tema.

É certo, todavia, que os problemas persistem. Ainda há muito o que conquistar: registrar, apresentar e valorizar essas experiências são os desafios que seus praticantes suas praticantes vivenciam no seu cotidiano. Sabemos da potência do futebol em provocar mudanças nas paisagens e nos cenários, como aqueles encerrados a determinados momentos ou espaços tangíveis – quadras, parques, vielas de favelas, ruas e comunidades.

ENCONTROS PELA PRÁTICA

O Museu [do Futebol] é um articulador de outros projetos, exemplo, simpósio do futebol em parceria com universidades. Em outras ocasiões, começamos a ocupar o próprio estádio do Pacaembu em 2014, ano de Copa do Mundo, expandir para além do espaço patrimonial museológico. Inauguramos essa experiência com luta e com apoio da vice-prefeita Nádia Campeão, divulgando com jogadores estrangeiros, inclusive. Como pesquisadora tive a oportunidade de ir a Argentina viver a experiência do lugar e de quem criou a experiência, com delegações da América Latina, oportunidades transformadas em textos e fotografias, três experimentos gravados (história oral), material histórico” (Aira Bonfim, pesquisadora do Museu do Futebol)

Futebol na Prática: Diante do trecho da entrevista com Aira Bonfim, iniciamos este tópico, que apresentará alguns caminhos construídos para o avanço da prática da metodologia do Futebol de Rua.

Todos encontros e eventos realizados foram parte fundamental para o avanço da experiência dos/as jovens com a metodologia. Por isso, a seguir vamos apresentar os encontros e as experiências que colaboraram para construir esse espaço de troca.

Fiquem ligados/as:

MUNDIALDE FUTEBOL DE RUA

O Mundial de Futebol de Rua foi um marco para pensarmos sobre a continuidade da prática do Futebol de Rua na organização Ação Educativa. Presente em todos os continentes, o Futebol de Rua tornou-se ação de ampla mobilização internacional. Várias das organizações adeptas desta prática esportiva participaram dos Mundiais realizados em 2006 na Alemanha, e 2010, na África do Sul, através do Street Futbol, iniciativa de responsabilidade social da FIFA. Em 2014, no Brasil, o Mundial aconteceu de forma independente e contou com inúmeros parceiros e apoiadores. A organização responsável foi Movimiento de Fútbol Callejero, rede latino-americana que envolve 12 países. Essa articulação se expressa como uma força política em defesa dos direitos humanos, da paz e pela diversidade. O evento aconteceu entre os dias 01 a 12 de julho de 2014, com a participação de mais de 300 jovens de periferias de 20 países, o Mundial de Futebol de Rua potencializou de forma ampla a prática esportiva como ferramenta de transformação em territórios socialmente vulneráveis.

“O futebol é um agregador de pessoas, é difícil ter uma modalidade esportiva que se iguale. Ele não vai mudar o mundo, mas permite algumas ações relacionadas diretamente aos direitos humanos”, aponta Rodrigo Medeiros, coordenador de mobilização do Mundial, organizado, no Brasil, pela Ação Educativa e pelo Movimento de Futebol Callejero”.

Participaram do evento 20 países representados por 24 delegações, sendo elas: Argentina e Brasil (com três equipes cada), África do Sul, Alemanha, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Espanha (Catalunha), Estados Unidos, Filipinas, Gana, Guatemala, Israel, Panamá, Paraguai, Peru, Serra Leoa, e Uruguai (um time, cada). Para a recepção e acolhimento das delegações foram articulados e envolvidos muitos parceiros que de forma coletiva viabilizaram esse encontro. Um dos pontos que mais chamou a atenção na época constituiu na hospedagem das delegações. Para você leitor/a que não é de São Paulo, veja o mapa a seguir:



As delegações ficaram hospedadas em sete Centros Educacionais Unificados (CEUs) na periferia e participaram de atividades culturais para se integrar à comunidade.

As partidas aconteceram entre os dias 07 e 12 de julho em duas arenas montadas no Largo da Batata e na Avenida Ipiranga. Além disso, os times participaram de jogos de exibição no SESC Pinheiros e o intervalo das partidas tornaram-se palcos de assembleias de movimentos sociais, organizações e instituições que valorizaram e colaboraram com esse momento histórico. Para encerrar esse relato sobre o Mundial de Futebol de Rua ficamos com a palavra de Fabian

Ferraro: **“O maior legado do torneio é podermos criar uma plataforma de direitos humanos a nível mundial”.**

COPAS

A Copa América de Futebol de Rua “Nelsa Curbelo” aconteceu entre os dias de 16 a 23 de maio de 2015. Participaram desse encontro 13 países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Paraguai, Peru, Uruguai e a equipe da Catalunha (Espanha).

O troféu levou o nome da conhecida ativista equatoriana Nelsa Curbelo, indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2009. Nelsa Curbelo é uma das mais importantes líderes sociais da América Latina, além de ser conhecedora e entusiasta da metodologia do Futebol de Rua em seu país. O evento aconteceu em duas arenas, sendo elas: Parque Chacabuco, tradicional bairro na zona sul de Buenos Aires, onde foram realizados os jogos da primeira fase, e no Parque Roseiral, em Palermo, com capacidade para 3 mil pessoas. O sorteio aconteceu no dia 19/05, com a presença de todas as delegações na cidade de Buenos Aires.

Participaram do encontro duas delegações brasileiras: o PEI (Programa Esporte Integral), do Rio Grande do Sul e a ONG Ação Educativa. No caso da delegação da AE participaram jovens de diferentes territórios da cidade que vivenciavam a prática do Futebol de Rua na cidade de São Paulo, são eles: Movimento Nacional da População de Rua, Centro Esportivo Raul Tabajara, UNAS Heliópolis, Capão Cidadão, CEDECA Sapopemba,



5 A preparação contou com encontros mensais para treino e preparação da equipe. As meninas e meninos realizam seus treinos nas quadras do Centro Esportivo Educacional Raul Tabajara – um dos polos do Futebol de Rua. A preparação foi especial, pois a instituição viabilizou regularmente o encontro dos/as jovens com transporte e alimentação para que se dedicassem exclusivamente aos treinos preparatórios da equipe. Cabe destacar que os encontros aconteciam aos sábados.

As conquistas não pararam por aí!

Projeto Meninos e Meninas de Rua (PMMR) e o Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos - UFSCAR.

Com uma preparação especial a delegação de jovens da Ação Educativa sagrou-se campeã da Copa América com o placar de 12x9 contra a equipe da Colômbia, atual campeã do Mundial que aconteceu no Brasil em 2014. Essa conquista marcou de forma significativa a trajetória dos/as jovens. A partir desse momento o grupo passou a acreditar de forma enfática em seu potencial e no trabalho que estava sendo realizado.

Em 2016, a delegação brasileira participou da Copa Cachu Rodriguez, que ocorreu entre os dias 23 e 30 de outubro, nas cidades de Buenos Aires, Pilar e Três de Fevereiro, todas na Argentina. O evento reuniu delegações dos países: Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Brasil, Equador, EUA e Argentina. Participaram 250 jovens continuar construindo seus projetos de mudança social e de suas organizações, por meio do futebol. Com sua delegação, o Brasil representado pela Ação Educativa também sagrou-se campeã da competição.

REDES

Os primeiros polos de Futebol de Rua foram implantados em 2013. Em 2015 foi criada a Rede Paulista de Futebol de Rua congregando cerca de 10 organizações e 12 educadores. Com o avanço das articulações entendeu-se que era preciso avançar para um conceito de futebol e cultura. E a partir de uma iniciativa da Ação Educativa e Museu do Futebol, o encontro Futebol e Cultura teve como intuito a promoção do encontro/debate sobre as diversas práticas oriundas do futebol espalhadas por todo território brasileiro. O encontro e a publicação têm como finalidade o levantamento de práticas solidárias e colaborativas de futebol e cultura.



A partir de uma pesquisa de campo ampla, realizou-se o encontro de Futebol e Cultura e o Guia de Experiências Colaborativas e Solidárias. A publicação inédita na referida temática e resultado de dois Encontros de Futebol e Cultura – realizados em São Paulo (SP) no ano de 2014 e Fortaleza (CE) em 2015. São 21 experiências de todo o Brasil. Foram criadas categorias: Como Joga: campo, quadra, rua, praia, juiz, misto; cultura: desfile, música, indígena, torcida; fora do campo: ação social, política, educação.

O Guia de Experiências foi lançado em Fortaleza durante o II Encontro de Futebol e Cultura. Foram impressos 5 mil exemplares do material. Vale destacar que o Guia de Experiências passa a ser assumido com uma iniciativa da Rede Brasileira de Futebol e Cultura.

Para destacar a realização do II Encontro, foi realizado entre nos dias 14 a 17 de outubro de 2015 pela Ação Educativa em parceria com o Museu do Futebol, Instituto IEMAIS. Ambos os encontros buscam fomentar o caráter cultural da prática no Brasil e explorar o potencial de transformação política, econômica e social do futebol. Traz em sua proposta pensar que a prática do futebol é fundamental para a sociedade brasileira. Os encontros sobressaem como um diferencial nas experiências relacionadas ao debate de futebol no país.

É neste cenário de diálogos e “Encontros” que acreditamos que é possível dar continuidade aos processos construídos colocando em prática a ideia do Futebol e Cultura. Acreditamos que a diversidade de práticas de futebol engrandeceu e valorizou nossa troca, e agora demos o ponta pé inicial. A bola está com todos/as e daqui para frente vamos construir coletivamente o que podemos fazer com ela. Serão muitas as dificuldades e desafios, mas temos a certeza que assim estaremos desenhando um gol histórico.

TROCA DE IDEIAS

Para que esse material fosse representativo do processo desenvolvido desde 2013 pela Ação Educativa ouvimos muitas pessoas: jovens, pesquisadores e parceiros que trouxeram elementos que nos ajudaram a compartilhar a nossa metodologia.

Organizamos três encontros com integrantes da RPFR que aconteceram em ambiente virtual (plataforma zoom). Participaram desses encontros: Vandrigo Lugarezi (educador físico e assessor da Ação Educativa no projeto de Futebol de Rua) e Nathan Raphael Varotto (pesquisar e mediador), Aira Bonfim (pesquisadora e ex-funcionária do Museu do Futebol), Paloma Chaves (mediadora de futebol de rua), Adriana Nascimento - Drica (mediadora de futebol de rua), Guilherme Silva Rocha (mediador de futebol de rua), Jane Meire da Silva (coordenadora de um polo de futebol de rua).

Martha Lemos no primeiro encontro participaram 5 pessoas e tivemos como questão orientadora: **“Qual é a experiência que você gostaria de compartilhar na prática do Futebol de Rua? Como foi seu primeiro envolvimento com a prática e qual a diferença da participação das meninas/mulheres?”**.

Um das participantes relembra como foi o primeiro contato com o Futebol de Rua, ela comenta que: **“Entrar no Futebol de Rua foi no momento de transição e foi bem importante pra mim, estou desde outubro de 2013. O Rodrigo conversou com o pessoal da UNAS [...] O Reginaldo conversou comigo e entrei para o Futebol de Rua. A primeira impressão é que a tá é legal, mas deve ser algo semelhante ao futebol, não sabia direito o que era.** (Drica, mediadora).

O relato acima é importante pois, a primeira impressão da maioria das pessoas que não conhecem a metodologia do Futebol de Rua é de ser apenas uma adaptação do futebol tradicional, porém quando começam a entender, percebem a diferença e constataam que: **“Apareceu em um momento importante, fez a gente crescer bastante [...]”** (Drica, mediadora), pois não só futebol, é muito mais que futebol!

A implementação do Futebol de Rua no interior dos movimentos sociais e nos territórios foi um processo dialógico em que se buscava entender o contexto e aos poucos ir convidando educadores/as, participantes e jovens lideranças a vivenciar o jogo e não raro nos deparávamos com situações semelhantes ao do relato a seguir: **“As formações são emancipatórias, você toca muitos aspectos, mas tudo está interligado... é como se fosse um momento de paz para jogadores, moleques, pessoas que vem para desabafar tudo que está na mente, seus problemas e raivas. Entrando na escolinha de futebol que tem a competição, mas sempre trago fundamentos do Futebol de Rua, protagonismo e emancipação, senso crítico, futebol misto”** (Guilherme).

O relato do Mediador Guilherme traduz os momentos dialógicos dos encontros de Futebol de Rua, significado por ele como “aula”, pois entende que há ensinamentos presentes nestes momentos e isso pode ser observado em sua fala.

Com o passar do tempo e da vivência da metodologia é possível perceber que na maioria das vezes a parte desportiva não é o que mais interessa e sim a possibilidade da transformação social que pode acontecer, como podemos observar no relato da jovem: “[...] **o Futebol de Rua mudou bastante minha pessoa, meu psicológico, acredito que o FR essa metodologia, traz uma consciência de pessoa na sociedade. Eu não me sentia parte da sociedade e agregando essas ideias eu fui evoluindo e é isso**” (Paloma).

A partir das transformações pessoais sendo compartilhadas e dialogadas nos encontros formativos, nos quais as pessoas compartilham suas experiências; como aconteceu no grupo focal, podemos nos deparar com situações em que pessoas se reconhecem desde a experiência de outras pessoas, como pode-se observar nas falas a seguir: “[...] **me vejo na fala da Paloma, eu também era muito insegura até conhecer o Vandrigo e através das formações eu fui me soltando mais e hoje eu me sinto muito segura para falar sobre meu projeto [...]**” (Jane).

Continua Jane: **“Eu ouvi a fala da Paloma e da Drica, pelo fato de você ser periférico, você sente uma insegurança, muita insegurança em falar, depois que eu comecei a participar das formações fiquei super à vontade, depois das formações, hoje eu quero estar nos lugares falando sobre o projeto”**.

Estes exemplos, enriquecidos pelas falas das participantes, nos ajudam a perceber que o projeto desenvolvido com o Futebol de Rua, caminha para uma educação pelo futebol, extrair o que de há melhor quando a bola rola, tendo em vista a formação humana das pessoas que fazem parte desta rede.

Além das contribuições do grupo focal, contamos com entrevistas de pessoas que vem se dedicando ao Futebol de Rua e suas falas apresentam importantes reflexões acerca dos processos que envolvem desde o contato com a prática, o que pensam sobre a mediação, o processo formativo e o futebol misto. Tendo como base estes temas, organizamos 6 (seis) questões, a saber:

- 1 - Como se deu seu contato com o Futebol de Rua: como foi, onde foi, ano, foi por qual instituição/movimento?
- 2 - Qual sua opinião sobre a prática do Futebol de Rua? Qual a sua maior potência?
- 3 - O que pensa sobre a mediação?
- 4 - O que pensa sobre o processo formativo - as formações, experiências e práticas desenvolvidas pela ação/rede para formar novas/os mediadoras/es?
- 5 - Qual sua opinião sobre o futebol misto?
- 6 - Quer acrescentar algo mais? Por exemplo: mediação de conflitos, gênero, cultura de paz, pouco engajamento jovens na rede, autonomia.

Foram entrevistadas três pessoas, Carolina Moraes, Vandrigo Lugarezi e Vinícius Fragoso, vale apresentar brevemente a entrevistada e os entrevistados.

Carolina Moraes, educadora e mestra em cultura e sociedade pela Universidade Federal da Bahia, foi coordenadora da Rede de Futebol e Cultura e da Rede Paulista de Futebol de Rua entre 2015 e 2018.

Vandrigo Lugarezi, educador e atualmente é coordenador da Rede Paulista de Futebol de Rua.

Vinícius Fragoso, mediador da Rede Paulista de Futebol de Rua e é estudante de Educação Física.

A partir das questões da entrevista, optamos por organizar as falas em categorias, pois dessa maneira conseguimos analisar e refletir os diferentes contextos contidos nas faladas, sendo assim, a primeira categoria versa sobre como se deu o contato das pessoas entrevistadas com o Futebol de Rua.



Carolina relembra como ocorreu o contato com o Futebol de Rua: **“O primeiro contato com o Futebol de Rua foi o seguinte: eu trabalhava na Ação Educativa, já tinha uma relação de muitos anos. Eu entrei na Ação Educativa pela educação, na educação de jovens e adultos [...] e aí quando veio essa proposta da TDH e dos outros parceiros e tal, o Eleilson (coordenador de Cultura da Ação Educativa) veio conversar comigo porque ele sabia do meu interesse em relação ao tema, do futebol e tal [...] aí ele me apresentou o projeto e eu gostei bastante. A ideia era eu ter um papel central no mundial de Futebol de Rua né! Na época eu tinha passado no concurso do Estado para dar aula de sociologia e eu sabia que ele não ia conseguir fazer as duas coisas e aí eu neguei o concurso porque eu entendi que seria uma oportunidade que mudaria minha vida e de fato, com todos os percalços, eu acho que eu tava certa assim né! Acho que eu fiz uma escolha certa. Então foi nesse momento, que foi para o mundial que eu conheci o Futebol de Rua”.**

Agora, Vandrigo nos conta como conheceu o Futebol de Rua: **“Então diretamente assim com Futebol de Rua ocorreu em 2013, eu era educador do CEDECA Sapopemba e eu aplicava oficina lá já fazia três anos, tinha recebido alguns meninos para cumprir medida socioeducativa de final de semana e aí veio essa oportunidade eu comecei a trabalhar com futebol no CEDECA como oficina. Daí em 2013 e aparece o Rodrigão lá, com essa ideia do Futebol de Rua, mas até então a ideia era que tipo nos polos em que a TDH estava presente, iam se reunir para formar uma delegação para participar do mundial [...] quando eu tenho o primeiro contato com a metodologia do Futebol de Rua, eu já sei que vai ter o mundial [...]. O primeiro contato é isso, [...] depois eu fui me apropriando da metodologia e vendo o que dava para inovar né! Acho que até hoje a gente fica vendo isso, e a metodologia não é fechada né mano! Então é algo que dá para gente continuar renovando a cada instante, até mesmo porque senão cai numa monotonia que a molecada não vai curtir”.**

O último relato desta categoria é o de Vinicius Fragoso: “Então o meu primeiro contato com o Futebol de Rua veio antes mesmo da gente conhecer a metodologia [...] tinha uma oficina de futebol aqui em Sapopemba que era tocada pelo Vandrigo, a gente ia para praticar o esporte mesmo, para brincar, para correr e para jogar para jogar bola ali no futebol tradicional. Aí em 2013, o Vandrigo chegou com uma proposta de um futebol diferente, todo mundo achou meio estranho porque quando se é molecão, você tá ali para correr, para chutar, é um futebol tradicional ali e como a proposta que antes de jogar você vai formular regras, que não vai ter um apito, que depois ainda você vai sentar para trocar uma ideia e que você pode fazer 10 a 0 e não ganhou o jogo, aí você imagina um monte de moleque, tipo ali a gente tinha quase 60 moleque jogando bola, muito moleque tipo que passava a tarde inteira jogando, aí você ganha de 10 a 0 e não ganhou o jogo doidera. Aí aconteceu assim meio que no final de 2013 o Vandrigo trouxe as propostas junto com o Rodrigo né! Foram os dois lá apresentar uma proposta pra gente, isso ficou meio que ficou ligado junto com o CEDECA Sapopemba, [...] foi quando começou o futebol aqui na região do Sapopemba [...] que foi ligado por anos no CEDECA Sapopemba que foi o nosso primeiro polo né”.

Diante dos relatos é possível perceber que inicialmente a metodologia do Futebol de Rua, a princípio lhes causou estranheza, pois quando se trata de futebol, nos remetemos ao futebol tradicional, porém ao ter contato com o Futebol de Rua acontece o que Vini fala na entrevista: **“É como eu falo! Eu sou apaixonado por essa metodologia”**, isso se dá pelo pelas transformações que ocorreram na vida de quem vivenciou o potencial presente nesta maneira de jogar futebol.

Partimos agora para uma categoria que tem como foco a mediação no Futebol de Rua, segundo Carolina a mediação: ***“Uma boa fala, uma boa justificativa, uma boa argumentação pode justificar uma pontuação ou não por que pode exacerbar algo que que o time não fez de forma correta para o Futebol de Rua. Então eu acho que a gente viveu um momento do Futebol de Rua, [...] quando as coisas estavam funcionando com mais regularidade, eu acho que se construiu uma mediação quase com o modo de vida sabe! A gente incorporou a mediação, como um modo de vida, no nosso cotidiano, saía das quatro linhas entendeu, então você tinha isso com todo mundo nas relações, um com o outro, no cuidado, no companheirismo, no respeito, na tentativa de um mediador ajudar o outro na sua localidade porque na dele não estava funcionando.***

Até hoje isso impacta meu cotidiano, na maneira como eu falo com as pessoas, na maneira como eu tento coordenar processos, na maneira como eu me coloco, na maneira como eu tenho que entender o lado do outro; é lógico a gente vive em um processo de aprendizagem, inclusive porque isso é a contraposição do mundo que a gente vive, extremamente violento, extremamente unilateral, extremamente misógino e machista. Por mais que os jovens vão saindo, vão chegando outros e tal, acho que a mediação fica como uma semente”.

O educador Vandrigo também tece comentários acerca da mediação, pois considera que: ***“A mediação é o que diferencia a nossa prática de outras práticas, até mesmo por causa do terceiro tempo. A mediação faz muito sentido, mas eu confesso para você que para mim começou a fazer muito mais sentido quando eu vivenciei mesmo tá ligado! Tipo assim, quando eu vivenciei isso vendo tipo 2 polos jogando contra ou no mundial entendeu! Aí a gente começa a ter uma noção do negócio.***

Tá ligado?”



Os jovens começaram a levar isso para os polos, aí a mediação começou a ganhar outra proporção e tudo isso também é resultado da experiência daqueles 14 jovens que participaram do mundial, ***[...] essas pessoas foram fundamentais, absorver aquele contexto e depois mostrar isso no seus territórios por. A molecada aqui jogou e eles chegaram muito afiados [...] é por isso que eu falo o que para mim o protagonismo é algo que me chama muita atenção porque realmente a metodologia prática ele do Futebol de Rua ela propaga o protagonismo mano!”.***

O último relato sobre a mediação fica por conta do mediador Vini, que reflete, entre outras coisas, sobre a vivência da mediação enquanto jogador e mediador: ***“A mediação é uma coisa que a gente pensa que é fácil, mas não é algo muito complexo. Eu vou falar um pouquinho sobre***

como foi esse lugar, eu não fui sempre mediador, como jogador você ver a mediação ali como a parte mais difícil, a parte mais difícil porque no começo é algo complicado tentar trocar ideia, mas com o passar do tempo as práticas e vivências você começa a entender o processo da mediação.

Agora como mediador, também é a parte mais difícil porque você enfrenta diversas coisas diferentes, às vezes você fala: ‘caramba será que eu tô preparado para resolver um debate?’, então tipo é meio que um processo construtivo onde cada dificuldade que você encontra para conseguir mediar um conflito é uma oportunidade para melhorar nisso [...]. Já passei por várias formações sobre gênero e eu acho que consigo desenrolar, trocar ideia e assim você vai, agora se você enfrenta dificuldade e tal e precisa melhorar nisso e então a mediação é a parte mais complicada né, porém é a mais gratificante porque você menino que antes só pensava nele, correr fazer o gol e com o tempo tocando para a menina fazer o gol, jogando junto e depois chegando no terceiro tempo o menino trocando uma ideia, então tipo é algo que muda mesmo. [...] Mudar essa chave, né! Tem que mudar a chave e mostrar tá ligado, você tem que ir além de tudo[...] trocar uma ideia, a gente tem que tentar resolver [...] Até o fato de eu conseguir trabalhar dentro da escola a diretora e coordenadora me chamam para ajudar. A mediação é isso, é aquela mudança de chave, é a mudança de chave positiva”.

São relatos extensos, porém que nos oferecem detalhes e memórias de transformações vivenciadas desde o contato com o Futebol de Rua. Como disse Carolina: “[..] **mediação quase com o modo de vida** “ e Vini em sua última frase: **“A mediação é isso, é aquela mudança de chave, é a mudança de chave positiva”**. O que não isenta, quem decide iniciar um polo de Futebol de Rua, das dificuldades, porém com persistência, diálogo e esperança poderá vivenciar momentos semelhantes aos constantes nos relatos aqui trazidos.

Esperamos que você leitor e você leitora, possa desfrutar desta metodologia que educa pelo futebol (VAROTTO, 2020).⁷



7 VAROTTO, Nathan Raphael. Educação para e pelo futebol. Disponível em: <https://blog-profut6.webnode.pt/#!/nathan-raphael-varotto-educacao-para-e-pelo-futebol/>. Acesso em: 19 de out. de 2021.

6. PARA SABER MAIS!

ADAMS, D. Cultura de paz: una utopía posible. Herder editorial; Méx edição, 2015.

JARES, X. Pedagogia da convivência. Palas Athena; 1ª EDIÇÃO, 2008.

JARES, X. Educação para a paz sua teoria e sua prática. Poa: Artmed, 2002.

MILAN, F. M.; JESUS, R. C. D. P. (org). Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador : INPAZ,, 2003.

ROSENBERG, M. B. Comunicação não-violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais, Ed. Agora, 2010.

ROSSINI, L. et. al. Fútbol Callejero: juventud, liderazgo y participación: trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: FUDE, 2012.

SALLES FILHO, N. A. Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da complexidade. Campinas, SP: Papyrus, 2019.

SILVA, F. A. B.; ARAÚJO, H. E. (org). Cultura Viva: Avaliação do Programa Arte Educação e Cidadania. Brasília, setembro de 2010.

ZEHR, H. Justiça Restaurativa. Palas Athena; 1ª ed. 2012.

SITES VÍDEOS

Ação Educativa – <https://acaoeducativa.org.br/?s=futebol+rua>

Relatório GUIA DE EXPERIÊNCIAS Futebol colaborativo e solidário Ação Educativa:

<https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2021/04/FUTEBOL-E-CULTURA-Guia-reduzido.pdf>

Avaliação do programa Cultura Viva: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3504

TDH Instituto Terre Des Hommes – <https://www.tdhbrasil.org/noticias/>

Projeto Regional Interpaz: Novos Polos de Futebol de Rua (Terre Des Hommes Alemanha) – <https://tdh-latinoamerica.de/?p=5146>

Instituto Pólis – Pontão de Convivência e Cultura de Paz – <https://polis.org.br/n-tags/pontao-de-convivencia-e-cultura-de-paz/>

INFO Jovem – <https://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/cultura-de-paz/>

Vídeo Interpaz – Polo Piratinhas – <https://www.youtube.com/watch?v=asSHTF4B0Cw>





 **terre des hommes**
Apoio à Infância